





# Afonso Schmidt - herói do nosso tempo

#### Rosani Abou Adal

escritor, intelectual, teatrólogo e jornalista Afonso Schmidt iniciou sua carreira como poeta, mas foi a prosa que o consagrou como um dos escritores mais lidos no exterior. Dotado de muita sensibilidade em suas criações, deixou uma vasta obra com muitos livros traduzidos.

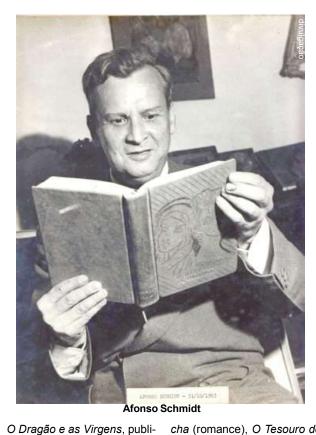
Nasceu em Cubatão, no estado de São Paulo, a 29 de junho de 1890, há 130 anos. Aos 74 anos, na capital paulista, faleceu no dia 3 de abril de 1964. Foi uma pessoa tímida e algumas pessoas falavam que só começava a falar após o quarto cigarro. Residiu grande parte da sua vida nos bairros Brás e Bresser. na cidade de São Paulo.

Iniciou na imprensa aos 12 anos. Montou uma tipografia artesanal para imprimir seu primeiro jornal intitulado de *O Janota*. Entrou na Faculdade de Direito e abandonou os estudos para se dedicar ao Jornalismo e à Literatura.

Fundou e dirigiu a Voz do Povo, matutino da Federação Operária. Trabalhou no jornal O Estado de São Paulo onde publicou grande parte da sua obra literária.

Em 1907 conheceu as Canárias, Vigo, Lisboa e Paris. Sua experiência de viagem foi narrada no romance A Primeira Viagem, editado em 1947. Em 1914 foi para a França. Conseguiu retornar ao Brasil antes de estourar a Primeira Grande Guerra, graças ao apelo do Príncipe Dom Luís de Bragança. A sua passagem no país de Guy de Maupassant foi contada no livro Bom Tempo.

Iniciou na literatura, em 1904, com o folheto de versos *Lírios Roxos*. Em 1905 estampou *Miniaturas*. *Janelas Abertas*, poemas, foi o primeiro livro editado por sua conta, em 1911. Até os 30 anos de idade não teve editor e custeou seus livros. *Brutalidade*, contos, foi o primeiro livro publicado pela Star, de propriedade do poeta Paulo Gonçalves, em 1922.



cada em 1925, obteve boa vendagem. Schmidt se pronunciou com ironia sobre o sucesso de vendas da obra: "Por uma série de circunstâncias imprevistas, apareceu nos mostruários quase um ano depois

tancias imprevistas, apareceu nos mostruários quase um ano depois da crítica ter se pronunciado. Esse livro foi muito vendido: os açougues do Brás compraram-no, sem regatear, para embrulhar filés e alca-

tras..."

Os Melhores Contos de Afonso Schmidt, livro clandestino, editado pela Hélio, em Lisboa, Portugal, que só foi conhecido em 1951 quando um leitor pediu autógrafo.

O romance histórico A Sombra de Júlio Frank, editado em 1926, só foi colocado à venda na segunda edição.

Foi agraciado com vários prêmios literários. Em 1924, recebeu três prêmios da Academia Brasileira de Letras com os livros *A Mar*-

cha (romance), O Tesouro de Cananéia (contos) e com O irmão sem nome, inédito que foi publicado com o título de Reino do Céu.

Foi detentor do *Prêmio Intelectual do Ano*, de 1963, promovido pela União Brasileira de Escritores e patrocinado pelo jornal *Folha de S.Paulo*. Recebeu a estatueta *Juca Pato* de San Tiago Dantas, detentor do prêmio no ano anterior.

Atuou em várias gestões de diretorias da União Brasileira de Escritores. Foi membro da Academia Paulista de Letras, cadeira nº 10, ocupada por Gustavo Teixeira.

Sua obra é marcada pelo seu estilo rico em linguagens, metalinguagens, plasticidade poética, conciso, preciso e dotado de um ritmo cadenciado. Com total domínio da língua portuguesa narrou a cidade de São Paulo com perfeição e lapidou seus personagens de realismo.

Schmidt é um escritor que expõe suas idéias de forma limpa e clara sem ser redundante ou repetitivo, mesmo que o faça para dar ênfase.

As imagens descritas por ele são tão realistas que o leitor viaja e entra na estória como se fosse mais um personagem. Torna-se cúmplice da narração. É impossível parar de ler, porque a leitura dá prazer e as palavras entram dentro da gente e alcançam nossa alma

Péricles Eugênio da Silva Ramos afirmou que "Enquanto fez poesia Afonso Schmidt não só cultivou o parnasianismo dominante, como ressuscitou a nota social que dormia nos livros desde o advento desse mesmo parnasianismo, embora fosse muito ativa no decênio de 1870 e no início de 1880. Sua contribuição mais séria ao neoparnasianismo foi a retomada da poesia social."

Concordo com Péricles Eugênio da Silva Ramos quanto à sua obra poética ser parnasiana e neoparnasiana, mas seus romances, contos e novelas são modernistas e realistas.

Devido à importância de sua obra na história da literatura, brasileira e mundial, é inaceitável o fato de seus livros serem apenas encontrados em sebos.

Precisamos resgatar sua memória literária para que seja expandida em todo o mundo.

Afonso Schmidt, herói de nosso tempo, jamais deveria cair no esquecimento.

Sua obra não poderá ficar apenas restrita a intelectuais, necessita ser reeditada em grande escala e distribuição.

Rosani Abou Adal é jornalista, poeta, publicitária, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão (cadeira nº 26, patrono Afonso Schmidt) e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo. Autora de Manchetes em Versos. www.poetarosani.com.br

# **Retrocesso Devastador**

O Covid-19 (Coronavírus) está disseminando povos, mas o pior vírus que a humanidade enfrenta é o racismo e o preconceito.

Infelizmente, em pleno século XXI, vivemos um retrocesso dos valores morais, éticos e dos bons costumes.

Negros são espancados e mortos nos EUA e no Brasil. O preconceito contra os povos orientais e latinos ainda existe.

Indígenas são assassinados para que os gananciosos do poder possam explorar suas terras.

A desigualdade de gênero é

totalmente inadmissível; bem como o fascismo, autoritarismo, machismo e a viloência contra as mulheres e nossas crianças.

Animais são expulsos e mortos para que seu habitat seja destruído. Rios, florestas e terras devastadas, entretanto a pior devastação é a do ser humano ou desumano.

Em pleno século XXI pessoas vivem em péssimas condições, sem água encanada, sem moradia, sem acesso à saúde, educação e Cultura.

Palavras de baixo calão são proferidas pelos políticos e ainda existem pessoas insanas que defendem tais condutas para exaltarem mitos que nunca foram dignos de merecer tal sinônimo ou algum elogio.

Insanidade? Não há sinônimos para designarmos tais comportamentos e atitudes.



# Assinatura Anual: R\$ 140,00 Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil

Envio de comprovante, com endereço completo, para linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

### LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - <u>www.linguagemviva.com.br</u>
Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000
Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255
Distribuição: Encarte em A Tribuna Piracipabana distribuído a

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades. Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -

Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760
Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi
Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.



# O CAÇADOR DE ESMERALDAS

### Raquel Naveira

inha mãe tinha olhos verdes como esmeraldas, o que dava a ela uma aparência de fera felina. A esmeralda é uma das pedras mais valiosas do mundo, de tom verde profundo, com uma porção desmaiada de azul e, no caso dela, com um toque de amarelo-ouro em volta das pupilas. A pulseira de esmeraldas que usava no braço direito dava-lhe, dizia sempre, proteção contra serpentes venenosas e reluzia no éter.

Verde é a cor da vegetação, da natureza, da esperança. Ah! Que nunca nos falte esse dom. A capacidade de sonhar, principalmente com as ideias mais absurdas. Com a possibilidade de pequenas nuvens negras derramarem água límpida. Do sol raiar no meio das trevas. De existir uma vida além desta. De que, com coragem, tudo há de mudar. De crer que hoje será melhor do que ontem. De que cada lágrima será recolhida por Deus em filetes de clorofila, depositados em salvas de prata.

Fernão Dias Pais Leme (1608-1681) foi um bandeirante paulista que ficou conhecido como "O Caçador de Esmeraldas". Pertenceu a uma das famílias mais antigas e influentes do planalto. À época, São Paulo era um pequeno vilarejo de choupanas e casas de taipa, no vale do Anhangabaú. A economia era pobre, calcada na agricultura de trigo, algodão e marmelo, no trabalho escravo indígena. Fernão empregou todos os seus bens, suas forças vitais, energia perseverante, no sonho de encontrar as lendárias minas de esmeraldas. Durante muito tempo preparou munições e alimentos. Aos 66 anos, partiu à frente de centenas de homens, seguindo as águas dos rios, abrindo trilhas nas selvas. Em sete anos de peregrinação, foram aos poucos dizimados por fome, febre, répteis, sertanejos rudes, furor de amotinados, combates. Até que, numa rede aberta na lagoa, entre os cascalhos, brilharam as luminosas esmeraldas. Suas forças se esgotaram. Estava trôpego, envelhecido, roto. Encontrou a morte, no meio da mata, abraçado ao seu tesouro. Mais tarde, descobriu-se

que eram apenas turmalinas, mas cidades valorosas surgiram no coração do oeste brasileiro. Nasceram das sementes plantadas em pousos e roças pelos caminhos por onde andou.

Essa história épica, com suas virtudes e horrores, foi contada num poema narrativo intitulado "O Caçador de Esmeraldas", do poeta parnasiano Olavo Bilac (1865-1918). Recordo-me do dia em que. ainda adolescente, li esses versos em que o verde se destacava como pedra e como cor: "Verdes, os astros no alto abrem-se em verdes chamas; verdes, na verde mata, embalancam-se as ramas: e flores verdes no ar brandamente se movem, chispam verdes fuzis riscando o céu sombrio. Em esmeraldas flui a água verde do rio e, do céu, todo verde, as esmeraldas chovem". Foi mesmo um verde delírio! Uma jornada ao país da Loucura, buscando esmeraldas raras pelas furnas e socavões, sob as estrelas do espaço. Imaginando a morte do sertanista, segurando a sacola de couro recheada de inúteis esmeraldas, agonizando como um mendigo, lágrimas escorreram pelo meu rosto.

Essa história foi representada nas artes plásticas (quadro "A Morte de Fernão Dias Pais", de Antônio Parreiras, que se encontra na Pinacoteca de São Paulo); no cinema (um filme de 1979, com Jofre Soares no papel do bandeirante, roteiro de Hernâni Donato, contando ainda com atores como Tarcísio Meira e Glória Menezes); no teatro; em duas estátuas (uma na BR 381, outra no Museu Paulista), numa busca da cultura e identidade paulistas.

Por que será que tudo isso me veio à lembrança nesses dias de névoa? Vai tão longe esse tempo de Fernão Dias... Talvez porque necessite de determinação heroica e insana para resistir, de uma dose mais forte de esperança nas veias. Talvez porque fulminem sempre sobre mim os olhos verdes como esmeraldas de minha mãe.

Raquel Naveira é escritora, crítica literária, professora universitária, vice-presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo.

# UM CLÁSSICO POPULAR DE CARLOS GOMES

#### Rui Ribeiro

uando se fala em Carlos Gomes (1836-1896), logo vem à baila o nome da ópera "O Guarani", por ele composta em 1870 e apresentada pela primeira vez no célebre teatro Scala de Milão, com repercussão internacional. O músico campineiro partira para a Itália em 1863 e por lá se deixou ficar, retornando periodicamente ao Brasil, mas sempre tendo residência fixa na Europa.

A fama artística alcançada não trouxe porém ao maestro-compositor adequada compensação financeira. Levou sempre uma vida de agruras e, desiludido com a falta de recompensa ao seu talento, morreu pobre alguns meses após ser empossado como diretor do

Conservatório de Música do Belém do Pará, instituição criada pelo governador do estado com a finalidade de amparar o ilustre patrício em sua volta definitiva ao país.

Quando jovem, Carlos Gomes vinha a São Paulo com frequência e hospedava-se por várias semanas em "repúblicas" de estudantes. situadas na rua Nova de São José, correspondente à atual rua Líbero Badaró, nas proximidades da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Ametrópole era na época uma cidade pacata com cerca de quarenta mil habitantes. Nas noites nevoentas, mal iluminadas pela luz fosca dos lampiões a gás, os acadêmicos promoviam reuniões de música e poesia. O ambiente propiciou oportunidade de expansão aos dotes musicais do jovem campineiro. Foi numa dessas "repúblicas" que compôs, por volta de 1860, sua famosa "modinha" "Quem sabe?", com versos escritos pelo quintanista de direito sergipano Bittencourt Sampaio, que no mesmo ano publicaria o livro de poesias "Flores Silvestres", de inspiração eminentemente romântica e evocativa da vida simples da sua província natal. Com mais de século e meio de existência, a composição dos dois jovens sonhadores não demonstra sinal de velhice, integrando - sempre muito solicitada - o repertório dos modernos grupos de seresteiros urbanos. Consta que a canção foi concebida para homenagear a primeira grande paixão do músico, sua conterrânea Ambrosina Correa do Lago. A dedicatória na partitura original, entretanto, está em nome do pai da moca. Deve ter soado estranho ao sisudo chefe de família lhe ter sido dirigida canção com mensagem de saudade e dúvidas sobre a constância afetiva da pessoa amada.

Tão longe de mim distante
Onde irá teu pensamento
Quisera saber agora
Se esqueceste o juramento
Quem sabe? Se és constante
Se inda é meu teu pensamento
Minh'alma toda devora
Da saudade o agro tormento

Rui Ribeiro é escritor, crítico literário e membro da União Brasileira de Escritores.

### **ONIPRESENÇA**

Poemas da série "Românticos" 4º

#### **Carlos Moura**

Em tudo que olho a vejo: está no alto, no baixo no céu azul, na terra escura na areia clara da praia nas ondas persistentes do mar.

Onde vou, a encontro:
na distância curta
no longínquo lugar...
Em tudo que me é real
com o seu olhar deparo
E mesmo no irreal
o sorriso tocante dela, percebo.

Não é possível esquecê-la até amanhã... Os meus pensamentos me teimam lembrá-la e em minha memória com ela me defronto.

Estarei condenado por tê-la visto um dia? Por permitir que seu sorriso e seu olhar comovente alcançassem minhas retinas? E por, passivamente, aceitar com grande alegria que sua imagem ocupasse-me o interior?

Invocarei o poder divino pra que isso não me ocorra pois esse estado não me convém E o sentimento que dele é próprio, prefiro não ter. Livre preciso ser.

Carlos Moura é escritor, poeta, jornalista, conselheiro do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo, editor do Jornal *Centro em Foco* e coordenador do Sarau do jornal. Autor de *Vida em Versos*.



# Sebo Brandão São Paulo

# Fazemos encadernações

Rua Conde do Pinhal, 92 - ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - sebobrandaosp@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr

### As tensões do ser e do real em Eu e outras consequências, de Tanussi Cardoso

#### Alexandra Vieira de Almeida

novo livro de poemas Eu e outras conseguências (Penalux, 2017), de Tanússi Cardoso, aborda os conflitos existentes no interior de nossa realidade, sejam eles entre o eu e o mundo, o eu e o outro, os vários eus que compõem o mistério de um ser e, até mesmo, uma Super-realidade, entre o ser e Deus. Mas não é apenas o eu que se basta. Como uma teia de aranha, as consequências são os desdobramentos do sujeito, o que se funda no seu espaço interno e no seu ambiente externo. formando toda a physis. O ser não se satisfaz com sua pequenez de dentro e precisa se expandir para outros horizontes. Daí no título "e outras consequências". No livro de Tanussi o que vale é a lei dos espelhamentos e seus paradoxos e tensões. Na bela orelha de Affonso Romano Sant'Anna, este diz: "É uma arte poética que retira das contradições a sua força". O interessante a se notar na obra tanussiana é o confrontar de olhares, como entre o amor e a morte e, até mesmo, a vida e a morte. Os dois polos de uma mesma realidade.

O livro magistral de Tanussi Cardoso é formado por três partes. Na primeira parte, "Da colheita", encontramos a essência do ser em confronto com outras realidades, sejam elas terrenas ou divinas. Na segunda parte, o conflito ocorre entre a cidade com toda sua violência e agressividade e a beleza silenciosa na natureza que funda a sede da poesia. Mas a poesia

também se conjuga no mosaico urbano de nossas necessidades mais viscerais. A última e terceira parte, "Do enigma", vem nos falar dos mistérios da linguagem do amor e suas dobras e continuidades, cujo clímax e êxtase recaem no sexo. A poesia de Tanussi, apesar de abarcar esta gama imensa do nosso real não se volatiza nas pequenas coisas, no banal e desinteressante mundo do supérfluo. Como disse Astrid Cabral, no seu maravilhoso prefácio sobre o escritor aqui em questão: "Tanussi Cardoso é poeta do lirismo a pino. Produz uma poesia sem contaminações com o reles, sem concessões ao banal rasteiro". É de extrema urgência e importância tudo o que Tanussi poetiza. É um canto órfico ao amor e à morte que nos caracteriza, pois somos feitos de chama e deserto. Como disse Ricardo Alfaya, no posfácio do livro "o que torna o título de Tanussi diferenciado é justamente a inserção cósmica que sugere".

No confronto com o outro, há perdas e ganhos, nos construímos e desconstruímos com o olhar do outro: "Há sempre perda no contato,/Mesmo que se some à pele o espanto". Nessa cúpula de contrastes, encontramos também a dupla cisão do estar e do ser, duas faces do humano, na sua permanência transitória e na sua essência de eternidade, a alteridade e a identidade: "eu não sou/de onde nasci//eu não sou/de onde vim//eu sou/onde estou/eu sou/onde sou." A repetição de "sou" nos versos de fechamento soa como leitimotiv de nossa multiplicidade vulcânica que

atiça os espelhamentos do ser, a dobra é em espiral, é uma dobra barroca, como diria Deleuze, pois ela se espelha em diferença e não numa repetição insonora.

Outra tensão importantíssima no seu livro é entre a palavra e o silêncio, como estas duas linguagens podem se intercomunicar e formar a persona do sujeito. Na Arte, na poesia, é necessária a construção do sentido pelo não sentido, pelo deserto que nos move e impulsiona para a construção do verbo. E Tanussi utiliza uma bela estratégia para criar vácuos e plenitudes em seus versos. Usa poemas sem pontuação e outros com pontuação para revelar a força cristalina do branco e a temeridade da noite. O vazio, a introspecção e a linguagem e a extrospecção. Temos o eu e aquilo que o constrói que é a Arte: "O abismo que é abismar-se/Com o abismo e as maravilhas da Arte". Temos, assim, a palavra-verbo que constitui a linguagem do grito, do barulho que fazemos para sermos conhecidos e expostos pelo preenchimento e o vazio que molda a esfinge, aquilo que desconhecemos dentro de nós mesmos. É a dupla cisão do ser que se desdobra em ato e pensamento, em gesto mudo e palavra dançarina. Šão voos da imaginação de um poeta múltiplo e plural que sabe versar com maestria e amadurecimento. Assim, temos, paradoxalmente, a gestualidade dos versos, sua dramaticidade e tradicidade em sermos Édipos e querermos desvendar os mistérios do ser humano. Tanussi Cardoso quer revelar a pausa de que precisamos para respirarmos melhor e a embriaguez dos sentidos caudalosos. Os jogos de espelhamentos que são tensos perfazem sua voz teatral: "(O espelho/só o espelho/existe)".

A descoberta do sentido do ser se dá através da poesia, este mistério da palavra inaugural e primordial e o título de um dos poemas é bem ilustrativo, "Origem 2". Temos, assim, as contradições entre o ato e a fala, entre o real e o interno, o que nos circunda e o que se engendra dentro de nós, querendo ser expelido para fora a partir da bela poesia de Tanussi: "O poeta, sutilmente,/afirma/o que o poema desdiz". Aqui temos os ecos pessoanos de "o poeta é um fingidor". Os jogos de fingir, ficcionais também produzem suas máscaras, e o que era essência se dissolve no ar. Sua poesia é de extrema solidão, mas também de comunhão com a humanidade que reside em nós e que quer ter contato com o exterior, com o outro. Se na poesia, residem o silêncio e a voz pronunciatória. é na origem que encontramos esse reflexo humano de Deus: "Ouvir a pronúncia de Deus/Ou seu silêncio". Na origem divina, há o noturno e o diurno, as trevas e a luz, o caos e a ordem, o silêncio e a linguagem.

Na segunda parte, encontramos o entrelugar da natureza e da cidade, do deserto e da plenitude, do silêncio e dos choques visuais e sensórios do meio urbano. O "entre" parece ser a palavra-chave desta parte que desdobra o rio caudaloso na sua movência natural. O deslocamento do rio pode percorrer a natura e a urbe multifacetada e caleidoscópica: "Um rio/move-se/desloca-se/desnuda-se entre". Enquanto a natureza se caracteriza

### Manchetes em versos

### Rosani Abou Adal

Capa e o projeto gráfico de Xavier

Prefácio de Raquel Naveira



Sebo Brandão: <a href="https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr/rosani-abou-adal-manchetes-em-versos-1920679020">https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr/rosani-abou-adal-manchetes-em-versos-1920679020</a>

### Profa. Sonia Adal da Costa

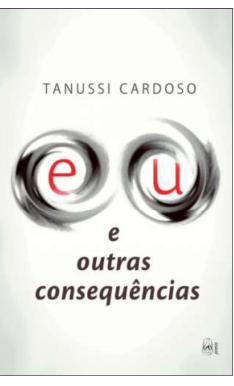
# Revisão -Aulas Particulares

Cel.: (11) 97382-6294 - soninhaabou@gmail.com

por sua nudez e inocência primeva, o meio caótico urbano se veste de palavras e atropelos, são os sinais citadinos que nos levam do pouco e do menos, ao muito, ao múltiplo. A simplicidade da natureza é cortada por um rio que se reparte em dois, num entrelugar do paraíso e da artificialidade. Mas não pensem que a natureza por ser simples deixa de ser densa. Longe disso. Ela também produz seus espelhamentos e complexidades: "Árvores perdem suas raízes,/entrelaçadas/nos fantasmas de outras árvores ". Os mistérios das cifras e dos símbolos naturais nos conduzem à admiração pelo abismal, pelo que não pode ser traduzido por palavras banais, mas pela linguagem metafórica da po-

esia que se traduz em silêncio oracular. Assim, o silêncio e o canto, paradoxalmente, se encontram na natura. Um canto que é "música calada", como diria San Juan de la Cruz na sua mística e interpretação dos dons divinos. Em Tanussi, temos: "O pássaro sangra o silêncio/com a violência do seu canto". Assim, temos os intercâmbios entre a natureza e a cidade, produzindo seus espelhos metamorfóticos.

Na terceira parte, "Do enigma", o amor produz seu grito de dor e de prazer, pois ele está totalmente inserido no tempo: "O que o amor/exprime/enquanto voz". Nessa parte, temos os inúmeros jogos de eros, com a dupla face do erotismo, pois amor é vida e morte, pulsão e destruição: "O amor acaba quando começa/Como morremos no momento de nascer". Eros é força de ligamento, de união entre opostos, mas também desmoronamento e tempo que se esvai num instante. Amor é passagem e permanência, a voz e a desertificação da linguagem, pois o ato do amor explode as palavras nos vácuos do desejo. Eros também tem a audácia de querer desafiar o tempo e interrompê-lo na cama elásti-



ca dos sentidos, do sensório, abertos ao corpo que esfaqueia a palavra proliferadora de nós. Nós queremos ultrapassar o tempo e fundar a eternidade do ato erótico que pode se esconder nas dobras do gozo. A escrita é a satisfação de um desejo como o prazer carnal, o verbo se faz carne: "Escrevo/não para passar o tempo/mas para ele não passar". Portanto, no livro excepcional de Tanussi Cardoso que nos conduz aos caminhos e descaminhos dos contrastes, percebemos toda a multiplicidade do verdadeiro versar deste poeta amadurecido e digno de constar nos livros teóricos e didáticos de literatura de todo o país. Pois sua poesia nos faz pensar sobre nossa realidade circundante e sobre o sentido do ser. Trabalha com os temas fundamentais da literatura e desafia o leitor a desvendar os enigmas de sua existência, que é tempo, memória e esquecimento.

Alexandra Vieira de Almeida é escritora, professora universitária, Mestre em Literatura Brasileira e Doutora em Literatura Comparada (UERJ). Integra o NIEP - Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Poética da UERJ.

# **Enigma do Corona**

### Rosani Abou Adal

Covid criará asas Voará para Knossos No labirinto de Dédalo se perderá Sem encontrar a saída Não decifrará o enigma da Esfinge Será devorado por Minotauro

Rosani Abou Adal é jornalista, poeta, publicitária, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo. Autora de *Manchetes em Versos*. www.poetarosani.com.br

### **APOCALIPSE**

### Amaryllis Schloenbach

Que violência é essa que nos tolhe no cérebro as palavras de amor tão fáceis outrora?

Que violência é essa que nos traz sobressalto e nos toma de assalto a cada esquina?

Que violência é essa que nos faz insensíveis às alegrias menores e nos tira o prazer de viver por viver?

A luta é cada vez maior e os resultados sempre pequenos. É urgente que os homens ponham fim à agressão para salvar sua essência que resvala no nada!

Amaryllis Schloenbach é escritora, jornalista, advogada, tradutora, poeta e cronista. Graduada em Letras. Autora de *Pelos Meandros do Tempo, Girândola*, entre outras obras.

# Roberto Scarano

**Advogado** 

Trabalhista Cível Família



R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

# 34° FESTIVAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA PSIU POÉTICO

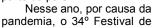
#### **Hélder Maurício**

O Grupo de Literatura e Teatro Transa Poética, em parceria com a Prefeitura de Montes Claros, abriu inscrições, de 9 de junho a 31 de julho, para o 34º Festival de Arte Contemporânea Psiu Poético.

Interessados devem enviar seus textos poéticos para os emails psiupoetico@gmail.com e psiupoetico.cinema@gmail.com. Esse ano serão aceitos de um a três poemas. Os textos devem ser enviados em pdf, docx ou doc. É obrigatória a identificação do autor no poema.

O artista interessado em inscrever um trabalho em vídeo deverá enviar o mesmo para psiupoetico.cinema@gmail.com, com permissão

de acesso. Os trabalhos audiovisuais devem ter duração de um a dez minutos. Se o material exceder 25Mb, é necessário o compartilhamento do mesmo através de plataformas não-pagas, tais como: iTransfer, WeTransfer e Send-file. Poderão participar poetas e artistas de qualquer parte do país.



Arte Contemporânea Psiu Poético, que terá como tema "Dançapalavra", acontecerá de maneira virtual, através das plataformas digitais, redes sociais do Psiu Poético e YouTube. O evento está agendado para acontecer de 4 a 12 de outubro, e seu propósito é celebrar a poesia, promovendo o encontro (desta vez, virtual) de poetas, dançarinos, escritores e artistas de todos os lugares.

> Hélder Maurício é jornalista. Trabalha na Prefeitura de Montes Claros (MG).

# Lançamento Simultâneo!













# Metamorfose

#### Maria Thereza Cavalheiro

Com o tempo. todas as formas se transformam.

Maria Thereza Cavalheiro (25 de janeiro de 1929 - 2 de setembro de 2018), escritora, poeta, contista, jornalista, advogada, tradutora e ecologista. Foi co-fundadora e a primeira presidente da UBT (União Brasileira de Trovadores), seção São Paulo, em 11.09.1969, que dirigiu até 1976.

### SOLIDÃO DO SÓ ou SÓ Solidão

#### **Alaer Garcia**

Ou um ou vários Em um só ou Um só em outros

Se os outros estão Unidos não sentem Só e nem nenhum Essa é a falsa companhia?

Ou a Cia sem eu Nem só, nem acompanhado Numa frase- escrita ou Falada: Só?-Só isso?

Some com o tempo Passou ou só ficou Passou por aqui. (O tempo ou espaço)

Alaer Garcia é escritor, poeta, médico e autor de Armaduras e Armadilhas e a Solidão.

### **A VOLTA**

#### Raymundo Farias de Oliveira

Ao contemplar o campanário no azul imenso da paisagem sertaneia uma emoção inexpugnável bateu forte no meu peito e eu entrei na minha aldeia natal nadando nadando desesperado no rio de minhas lágrimas...

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta, contista, cronista e Procurador do Estado aposentado.

### **NAVEGAR**

### Maria de Lourdes Alba

A vida é navegar rumos incertos Por mares abertos Monótonos A oscilar

Navegar Belas paisagens além Miragens de nautas

Nosso barco vai E passa

Ponto perdido no tempo intemporal

Maria de Lourdes Alba é poeta, escritora, jornalista e pósgraduada em Comunicação Jornalística. Autora de Traços Poéticos.



# Sobre Enéas Athanázio: de leitor a escritor.

### Elizabeth Rennó

autor deste ensaio Professor Guilherme Queiroz de Macedo vai pontuando o seu estudo analítico com escrita que abrange toda a trajetória literária de Enéas Athanázio, debruçada sobre a memória e a história de uma Santa Catarina revivida através da palavra rememorativa, que a compõe.

Enéas é, sem dúvida, o escritor memorialista que mais se destaca na visão catarinense.

Desenrola a sua criação sem atavios desnecessários, mas pela descrição de tipos e costumes característicos, que a saudade lhe ditou, em minúcias de lembranças de quem quer e consegue perpetuar uma terra através de épocas, fases e acontecimentos que a marçam, com a força da palavra viva. É escrita ditada pelo amor e pela saudade do visto e do vivido.

Com seus personagens e seus atos, repassa a verdade do que lhe completa o coração como testemunha da vivência que preenche sua visão especular.

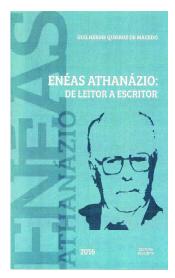
É este amor a seu rincão que transparece por relatos de fatos, amores, tristezas a assaltarem a obra de focalizada. Esta completude revisada e assimilada por Guilherme Queiroz atesta e autentica o regionalismo de Enéas.

Enéas não pode ser considerado como escritor regionalista apenas: é também o autor realista mas sutil, romântico mas contido, purista mas atualizado, o que se depreende da linguagem estilística de sua lavra.

Na riqueza de seu estilo, navega por mitos, folclore, enfatiza as características psicológicas dos personagens que retratou na totalidade que povoa a diversidade dos habitantes do Planalto dos Campos Gerais

Neste conjunto humano reflete-se o todo de uma comunidade em comportamento universal.

Enéas é brilhante em sua escrita, na oralidade apresentada nos contos, na descrição dos atuantes, na complexidade dos ensaios, nos artigos jornalísticos. Sua obra, nos mais de 40 anos de percurso lite-



rário iniciada com o *O Peão Negro*, o transforma de persistente leitor em autor de consistente realização.

A multiplicidade de obras de sua autoria, entre contos, romances, ensaios, artigos para jornais, perfaz este grandioso universo literário brasileiro.

O principal ensinamento que Enéas nos transmite afirma-se na importância da leitura, objetivo primeiro para a formação da educação de nossos estudantes, exemplificando este fator como motivador de sua carreira de escritor, hoje, um dos nomes mais importantes da literatura brasileira.

Esta apresentação - estudo - análise do Professor Guilherme Queiroz de Macedo sobre a obra de Enéas Athanázio merece loas e louvor.

Nesta representação crítica, o autor soube, excelentemente, introduzir-se na metodologia estudada, dela participando como intérprete, analisando e enfatizando com maestria as particularidades de enredo, personagens, desenvolvimento sequencial, diferenciando linguagem oral e culta, separando ficção e realidade, na relatividade do contexto.

Elizabeth Rennó é escritora, poeta, ensaísta,cronista, contista, novelista e Mestre em Literatura Brasileira. Exerceu o cargo de presidente da Academia Mineira de Letras.

# HUMANA FLORA DE ANDRÉ KONDO

#### **Andreia Donadon Leal**



erecido prêmio da União Brasileira de escritores do Rio de Janeiro, com o segundo lugar no Prêmio Gabriel Bicalho, de aldravias. HUMANA FLORA é o título do livro. O primeiro lugar, no prestigiado certame literário, foi do saudoso poeta, Marcus Vinícius Quiroga.

FLORA HUMANA é máximo de poesia no mínimo de palavras, lançado na LIVE do escritor André Kondo, no dia 7 de maio. Poesia é sensibilidade poética, o que se vê de sobra nos versos univocabulares de André Kondo, neste livro Humana Flora. Versos livres na medida certa para a provocação da musicalidade na leitura, para a provocação de figuras, são para experimentados, que degustam doses inesgotáveis de poesia, oração dos que amam.

As suavidades das aldravias remetem-me à origem nipônica do poeta, que traz para as poesias a essência do haicai, doce e delicado na escolha dos vocábulos que comporão o poema

vento soprando mil flautas no bambuzal

E assim a poesia ganha vida na mágica de compor imagens, eventos e iluminação. Arigatô!

Andreia Donadon Leal é poeta, escritora criadora da aldravia, Mestre em Literatura pela UFV e membro da Academia Municipalista de Letras de Minas, da Academia Marianense de Letras e da ALACIB-MARIANA.

# Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL -MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO -COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...





**Haicais:** SOPRAR DAS AREIAS - ALJÒFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS -100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

### **Antologias:**



Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: 1.www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS.
2. E-mail: debora\_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119
- ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.



Página 8 - junho de 2020 LINGUAGEM VIVA



### Olga Savary, escritora, poeta, contista, romancista, crítica, ensaísta, tradutora e jornalista, faleceu no dia 15 de maio, em Teresópolis (RJ), vítima de Covid-19. Nasceu em Belém (PA) no dia 21 de maio de 1933. Traduziu mais de 40 obras. Foi membro do PEN Club, da Associação Mundial de Escritores, da Comissão de Defesa da Liberdade de Imprensa e Direitos Humanos da Associação Brasileira de Imprensa e do Instituto Brasileiro de Cultura Hispânica. Exerceu o cargo de presidente do Sindicato de Escritores do Estado do Rio de Janeiro. Foi agraciada com o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro. Prêmio de Poesia da Associação Paulista de Críticos de Arté e com o Prêmio Artur de Sales de Poesia da Academia de Letras da Bahia. Autora de Morte de Moema (poemas), Anima Animalis (poemas), O Olhar Dourado do Abismo (contos), entre outras importantes obras.

A Feira do Livro de Frankfurt, conforme autorização do governo do estado de Hesse (Alemanha), será realizada de 14 a 18 de outubro. O evento também ocupará outros espaços da cidade e obedecerá as determinações das autoridades referentes à saúde e higiene, além de limitação do número de pessoas circulando nos pavilhões.

A Câmara Brasileira do Livro disponibiliza sistema de busca no sistema do ISBN por título de obra, nome do autor, nº do ISBN e selo editorial. https://servicos.cbl.org.br/isbn/pesquisa/

Manuel Castells lançou Fim de Milênio, pela Editora Paz & Terra. O autor analisa as macrotransformações dos contextos políticos e sociais que determinam e atingem a vida humana.

# **Notícias**

A Câmara Brasileira do Livro, conforme nota publicada em seu portal, acatou a carta de renúncia do curador do Prêmio Jabuti Pedro Almeida. Após utilizar as redes sociais para publicar dados que minimizassem as mortes causadas pelo Covid-19, 8,2 mil escritores, editores, jornalistas e intelectuais assinaram a petição on-line, Manifesto contra o obscurantismo no Prêmio Jabuti, da CBL, para manifestarem sua indignação com as declarações do curador. O coletivo Virgínia, composto por mais de 200 mulheres profissionais do mercado editorial, se manifestou com uma carta aberta solicitando a renúncia do curador.

Ney Anderson, jornalista e crítico literário, lançou *O Espetáculo da Ausência*, contos, pela Editora Patuá. A obra reúne 33 contos, ambientados no Recife, que mostram personagens com as urgências do mundo contemporâneo. Ney mantém o site Angústia Criadora. www.angustiacriadora.com

O Ministério da Educação divulgou o edital do PNLD 2022 para o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação aquisição de obras didáticas e literárias de Educação Infantil e pedagógicas de preparação para alfabetização. https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro

Marina Colasanti lançou Mais longa vida, poemas, pela Editora Record.

A Câmara dos Deputados aprovou, no dia 26 de maio, a Lei de Emergência Cultural PL 1075/ 2020 - Lei Aldir Blanc -, de autoria da deputada federal Jandira Feghali (PCdoB-RJ), que destinará durante o período de isolamento R\$ 3 bi-Ihões da União para estados e municípios em ações emergenciais de apoio ao setor cultural. Serão investidos em renda emergencial destinada a trabalhadores da Cultura, manutenção de espaços artísticos e culturais, financiamento de editais, chamadas públicas, prêmios e aquisição de bens e servicos do setor cultural.

Flavia Campos, publicitária e escritora, lançou *Coragem - Substantivo Feminino*, poemas, pela Editora Patuá.

Murilo Melo Filho, escritor, jornalista, faleceu no dia 27 de maio no Rio de Janeiro. Nasceu em Natal (RN) no dia 13 de outubro de 1928. Foi membro da Academia Brasileira de Letras, Academia Norte-Riograndense de Letras, do PEN Clube do Brasil, da Academia Carioca de Letras e do conselho administrativo da Associação Brasileira de Imprensa. Autor de Testemunho político, Múcio Leão: centenário, Tempo diferente, História do gás: do Rio de Janeiro ao Brasil e O Brasileiro Ruy Barbosa.

Experiências Históricas de Reforma Agrária no Mundo, Expressão Popular, foi organizado por João Pedro Stedile:

Eduardo Moreira publicou, pela Editora Civilização Brasileira, Economia do desejo — A farsa da tese neoliberal. A obra tem orelha de Frei Betto e prefácio de Luiz Gonzaga Belluzzo.

Soraya Benevides, escritora e jornalista, lançou A Casa de Chá, pela Editora Chiado Books. A autora conta sua trajetória de vida, de executiva de comunicação no Brasil a dona de casa no Canadá.

A SESI-SP Editora lançou a Coleção Monteiro Lobato, na versão em *e-book*, em parceria com a Amazon Brasil.

Fernando Py (Fernado Antônio Py de Mello e Silva), poeta, escritor, crítico literário, advogado e tradutor, faleceu no dia 21 de maio, no Rio de Janeiro, vítima de Covid-19. Nasceu no Rio de Janeiro em 13 de junho de 1935. Traduziu Em Busca do Tempo Perdido, de Marcel Proust. Autor de Sentimento da morte & Poemas anteriores, Aurora de vidro, Sol nenhum, entre outras importantes obras. Foi membro da Academia Brasileira de Poesia e da Academia Petropolitana de Letras.

Gabu Camacho, jornalista de Taubaté, retomou as atividades da plataforma Beco Literário que estava com as atividades suspensas desde 2019. Gabu produz conteúdo relacionado a livros e economia nas redes sociais, desde 2013. www.becoliterario.com

O Festival Literário Internacional de Poços de Caldas será realizado de 7 a 15 de novembro, em Poços de Calda (MG). Gilberto Dimenstein, escritor e jornalista, faleceu no dia 29 de maio, em São Paulo. Nasceu em São Paulo no dia 28 de agosto de 1956. Foi o criador do portal Catraca Livre e colunista do jornal Folha de S.Paulo. Laureado com o Prêmio Nacional de Direitos Humanos, Prêmio Criança e Paz, do UNICEF, Prêmio Esso e com o Prêmio Jabuti. Autor de Cidadão de Papel, O mistério das bolas de gude e Meninas da noite.

Terêza Tenório, escritora e poeta, faleceu no dia 7 de junho, em Recife (PE). Nasceu em Recife no dia 30 de dezembro de 1949. Foi diretora de cultura e eventos da União Brasileira de Escritores de Pernambuco e membro da Academia de Letras e Artes do Nordeste. Autora de A casa que dorme, Poesia reunida, entre outras obras.

Walnice Nogueira Galvão, ensaísta e crítica literária, lançou Lendo e relendo, pelas Edições SESC.

Heloisa Igreja, escritora, pedagoga e poeta, faleceu no dia 26 de maio, no Rio de Janeiro. Pósgraduada em Educação e Literatura. Colaborou para a Revista Delfos da UERJ e Revista Literária Plural da Oficina Editores. Foi membro da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, da Associação Profissional de Poetas no Estado do Rio de Janeiro e do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro. Autora de Sonho & Realidade, Além do Sol Existe Poesia e Um Passo para a Liberdade.

Aroldo Pereira, curador do Festival de Poesia Psiu Poético e coordenador da Biblioteca do Centro Cultural Hermes de Paula, para celebrar o aniversário de 41 anos do Centro Cultural, apresentou uma live com Bernardo José no facebook e recital poético e performance de rocks autorais "O Poeta é a Mãe", transmitidos ao vivo pelo perfil oficial da comunidade Baanko no Instagram. Também arrecadaram doações para famílias necessitadas do Brasil, de Portugal, Mocambique. Cabo Verde. Guiné-Bissau e Angola.

Anelito de Oliveira e Aroldo Pereira realizaram uma live que foi transmitida no Instagram de Anelito (https://www.instagram.com/ anelitodeoliveira/), dentro do projeto Quarentena Afro-brasileira - Diário Negro.